

ENTREVISTA

Carreira – Engenharia Naval

1**ENTRE PARÊNTESIS**

Milhões

5**PARA TREINAR SEU INGLÊS**

Comics

7**CONTO**

Questão de honra – Artur Azevedo

4**ARTIGO**

Cientistas fazem balanço dos resultados da RIO+20

6**ESPECIAL**

Sonhar, acreditar, realizar

8**ENTREVISTA**

Carlos Eduardo de Aquino Galiano

“Acho que quem faz Engenharia pode trabalhar com tudo.”

Carlos Eduardo de Aquino Galiano cursou Engenharia Naval na Poli, onde se formou há dois anos. Durante o curso, fez intercâmbio em Portugal e já acumula experiência profissional, com estágios em empresa de logística e banco. Em novembro, começa a trabalhar em consultoria. De seu tempo no colégio, diz: “Estudar para uma prova é um projeto (...). A disciplina de estudar e aprender foi a principal coisa que eu adquiri aqui dentro”.

JC – Desde quando você pensava em fazer Engenharia?

Carlos – Desde pequeno eu ia bem no colégio em Matemática e meu pai me incentivava muito. Ele é administrador e pensei em prestar Administração ou Economia. Aqui no Etapa decidi por Engenharia. Não sabia a especialidade, mas ia para esse lado.

Além da Fuvest, você prestou outros vestibulares?

Só Unicamp, para Engenharia Mecânica.

A Engenharia Naval você escolheu dentro da Poli?

Exatamente.

Quando você prestou vestibular para a Poli, pretendia cursar qual Engenharia?

Engenharia de Produção. Eu via que era uma Engenharia em que eu me encaixava, um curso mais genérico. Na Unicamp prestei para Mecânica porque não tinha Engenharia de Produção. Passei nas duas, escolhi a Poli.

Quando você entrou no Colégio Etapa?

No 1º ano [Ensino Médio], em 2002.

Como foi sua adaptação?

Não tive muitos problemas. Obviamente, nos colégios que têm provas bimestrais, trimestrais, é diferente. O Etapa tem

prova todo dia e isso faz você estudar todos os dias. Para mim foi muito bom, eu me adaptei bem. Consegui levar os três anos numa boa.

No 3º ano, pensando nos vestibulares, você mudou alguma coisa no seu método de estudo ou manteve o que vinha fazendo?

Eu sempre gostei muito de História e Geografia e nem tanto de Biologia e Português, que eram as minhas deficiências. Por isso, apesar de querer muito estudar Matemática, por gostar, no último ano foquei mais em Biologia e Português. Nas provas, consegui bons pontos nessas matérias.

Você chegou a pensar na possibilidade de não passar direto?

Eu estava confiante. Tinha estudado desde o começo e com os simulados você consegue ver onde se encontra em relação ao todo. Sempre fui muito bem e no dia da Fuvest estava tranquilo. Fiz a prova numa boa e fui muito melhor do que esperava.

Como foi o início na Poli?

Quando você entra, é outro mundo. A faculdade tem muita opção, muita gente diferente, de todos os lugares, bastante festa, programas diferentes. O começo é bem legal. E como você estudou bastante para o vestibular, no início dá uma relaxada. Aí você vai tirar uma nota vermelha e acordar: “Não é tão fácil assim”.

Você entrou pensando em Produção e foi para a Naval. Como se deu essa mudança?

Eu conversava muito com os veteranos e o curso de Naval me chamou a atenção por ser bem generalista. Agora estão reformulando, mas o curso tinha duas grandes frentes, de projetos de construção e de logística. Eu via que era uma boa carreira e acabei optando por ele. Era uma sala pequena, com 40 alunos, a gente tinha bastante contato com os professores. Para mim foi bom.

Nos dois primeiros anos, o que você estudou?

Cálculo, Álgebra Linear, Química Básica, Física, Cálculo Numérico. No 2º ano tive matérias estruturais, Mecânica dos Fluidos, Estatística, Economia, Manufatura Mecânica. Mas nada de Naval.

No 3º ano, o que você viu?

A área de projetos tem Arquitetura Naval, que é modelagem de navios, matérias de Dinâmica. Em outra frente as matérias são mais difíceis, como Mecânica dos Meios Contínuos e Metas Computacionais. Logística tem no 3º e no 4º ano. A matéria que eu mais gostei de fazer foi Processos de Estocagem. No 5º ano há muitas optativas. Na verdade, temos só as optativas e o trabalho de formatura.

Você se formou em que ano?

Em 2010. Eu me formaria um ano antes se no 4º ano não tivesse ido fazer intercâmbio em Portugal.

Quando você foi para Portugal?

Em setembro de 2008. Voltei em julho de 2009. Quando voltei terminei o 4º ano.

Você fez o intercâmbio em qual instituição?

No Instituto Superior Técnico, que faz parte da Universidade Técnica de Lisboa.

Engenharia Naval mesmo?

Engenharia Naval.

Como foi o 5º ano?

No 5º ano eu fiz praticamente só o trabalho de formatura. Por ter feito as optativas em Portugal, não tive muitas matérias, só uma ou outra DP que acabei deixando para o último ano. Aí pude só estagiar e fazer o trabalho de formatura.

No seu último ano na Poli, qual era sua maior preocupação?

Entrar em 2011 com um bom emprego. E, claro, fazer o trabalho final da graduação. Para isso, nos reunimos, quatro intercambistas. Os outros três também não tinham praticamente nenhuma matéria, todos estavam só estagiando, e trabalhamos com relativa tranquilidade no TF [trabalho de formatura]. A gente se reunia uma vez por mês, dividia as tarefas e trabalhava em casa.

Qual foi o tema do TF?

Foi um projeto de logística para transportar cargas nos rios Tietê e Pinheiros. Um anel hidroviário. Tem o rodoanel, tem um projeto de anel ferroviário e a nossa ideia era um anel

hidroviário, envolvendo cargas e passageiros. Fizemos medições de carga, visitamos aterros para verificar possíveis estações. Esse foi nosso trabalho.

Na Poli, o que você fez de atividades extraclasse?

Desde o começo eu jogava basquete. Fui treinar na Atlética, onde fiquei três anos, da metade do 1º ano até a metade do 4º. Fui diretor de esportes e depois diretor financeiro. Foi muito bom pelo lado da responsabilidade e também porque fiz um círculo de amizades muito forte lá dentro. Uma coisa que a Poli tem demais, que eu acho excelente, são as atividades extracurriculares. Eu participei da Atlética, tenho amigos que participaram do Grêmio, tem a equipe que constrói carrinhos de corrida, tem equipe de luta de robôs, tem aeromodelismo. Tem a Poli Júnior, que é consultoria na faculdade, tem os centros acadêmicos dos cursos. Também tem muita pesquisa. É um mundo lá dentro. É onde você começa a fazer seus contatos. Onde você consolida seu caráter.

Quando você começou a estagiar?

Quando voltei do intercâmbio faltava um ano e meio para me formar. Logo que cheguei teve feira de recrutamento na Poli, com divulgação de programas de estágio e de *trainee*. Tinha voltado de Portugal com a ideia de trabalhar com naval, transportes. Fiquei seis meses procurando estágio, fiz alguns processos e arranjei estágio numa empresa de consultoria de transportes, aqui em São Paulo. Chama-se Logit – Logística, Informática e Transportes.

O que você fez nesse estágio?

Quando foi divulgado o processo eu imaginava trabalhar com logística. O entrevistador me fez perguntas sobre processos de estocagem, achei que seria legal trabalhar com isso, mas quando entrei fui trabalhar com projetos diferentes. Trabalhei num projeto com o governo, em parceria com a ANTT [Agência Nacional de Transportes Terrestres], que era uma remodelagem das linhas de ônibus do Brasil. Eles nos entregavam bancos de dados com informações das linhas atuais no Brasil. Eram mais de 100 arquivos que tínhamos de trabalhar. Foi legal conhecer o projeto, mas eu trabalhei muito pouco com o cliente.

Trabalhou mais na base de dados?

Eu não tinha trabalhado com *softwares* da empresa e o primeiro semestre foi basicamente para aprender a me virar. Como esse projeto se prolongou por mais um ano ainda, eu acabei trocando e fui trabalhar num projeto com simulação de pedestres. Na época, uma empresa de arquitetura estava fazendo a planta para o estádio da Copa do Mundo em Porto Alegre. Ela contratou a empresa para fazer uma simulação da adequação da planta ao fluxo de pessoas. Verificar onde tinha gargalos em caso de evacuação. Achei muito legal.

Quanto tempo você ficou nesse estágio? E por que saiu?

Fiquei um ano. Mesmo gostando do trabalho, eu via que não tinha muito futuro na empresa. Meu chefe me disse que a empresa é pequena e que não sabia se ia me efetivar. Surgiu

uma oportunidade no banco Schahin, indicado por um ex-colega da Poli. Analisei a proposta, era interessante, tinha uma ideia de crescimento. Passei e fui trabalhar.

No banco, você trabalhou em que área?

Em planejamento estratégico, uma área mais abrangente. Meu chefe tinha relacionamento com todas as áreas do banco e me colocou para fazer uma espécie de *mini trainee*. Passei por áreas específicas de trabalho, pude conhecer todas as operações do banco, foi bem legal. Só que no meio do caminho o banco foi comprado pelo BMG. Muitas pessoas saíram. Os que ficaram foram chamados para fazer a integração dos bancos. Quando terminou o ano vi que trabalhei com um monte de coisas diferentes, mas não tinha decidido nada da minha vida. Eu conversava com meu chefe, ele tinha recebido três ou quatro propostas para ir para consultoria. Já tinha visto o currículo dele, desde apagar um incêndio aqui e outro ali, ele tinha esse perfil e eu achava que poderia ter também. Quando abaixou a bola da integração dos bancos, dezembro, janeiro, um período mais tranquilo mesmo, resolvi que não queria ficar mais lá.

Você já estava decidido a ir trabalhar em consultoria?

Comecei a pensar sério em ir para consultoria. Comecei a ler, a estudar a respeito, a conversar com muitos amigos que trabalham em consultoria para saber exatamente como é. Estava decidido a não continuar no banco e em junho pedi demissão. Isso também para cuidar de coisas pessoais, pois precisava fazer operação no joelho. Depois da operação, em julho, fiquei bastante tempo em casa. Fiz processos de seleção para consultoria e acabei sendo aprovado. Começo a trabalhar em novembro. A empresa chama-se Advisia. Consultoria é uma atividade em que eu acho que me encaixo. É o que eu quero realmente. Busquei isso e consegui.

Você fez Naval e não trabalhou na área em que se formou. Agora vai para consultoria. Você acha que com a bagagem da faculdade você está preparado para esse dia a dia?

Acho que sim. Muitas pessoas reclamam que a Poli é muito difícil, mas eu sempre a encarei como um desafio, sabendo que ia agregar no futuro. A gente sofre tanto lá dentro que aprende a se virar sozinho. Esta é a mensagem que eu passo. A gente aprende a se virar. Consultoria não é nada mais que isso, você pegar um problema, "Vamos lá, vamos conversar, vamos resolver". O que a Poli ensinou mais foi isso, aprender a me virar.

Você pensa em continuar estudando?

Eu penso. Justamente nesta minha saída agora do banco eu ia começar uma pós-graduação em Gestão de Negócios. Mudança de Engenharia Naval para o mundo de *business*. Procurei cursos, me matriculei, achei muito interessante, mas infelizmente neste semestre não fechou turma. Ficou para o ano que vem. Agora, começando a trabalhar, carga horária, viagens, não sei se vou começar no ano que vem.

Mas depois você vai fazer?

Eu não quero parar de estudar. Eu penso, daqui a três, quatro anos, fazer um MBA fora. Eu nunca tive de fato o estudo de *business*. Como estou querendo essa mudança, acho muito importante fazer um curso desses. Quero morar fora de novo, viver outras culturas, ter mais responsabilidade. Eu me vejo fazendo isso, mas o MBA exige de um pouco mais de experiência.

Que qualidades uma pessoa deve ter para se dar bem em Engenharia?

Acho que tem de ter a proatividade de querer aprender. Você tem de pesquisar, tem de correr atrás, estudar, fazer trabalhos. Tem de ter capacidade analítica.

Hoje, voltando ao Etapa, quais são suas lembranças?

Eu tenho bastante contato com meus amigos daqui, a gente se reúne sempre. Aqui a gente estava sempre estudando para as provas. E em todo intervalo a gente jogava basquete. Tinha uma turma que morava em Moema, nós pegávamos o mesmo ônibus. Vejo uma pessoa na rua: "Putz, estudou comigo no Etapa". Paro e converso. O Etapa também é uma rede de contatos bem bacana. Sinto saudades.

Do que você aprendeu aqui, o que é mais importante hoje, no seu dia a dia?

Uma das coisas que o Etapa mais me ensinou foi a ser disciplinado. Não que eu não tenha sido antes, mas até a 8ª série você não tem muitas responsabilidades. O Etapa proporciona a você uma disciplina já no 1º colegial. Estudar para uma prova é um projeto, você já começa a desenvolver isso. A disciplina de estudar e aprender foi a principal coisa que eu adquirei aqui dentro.

O que você diria a quem vai prestar Engenharia no fim do ano?

Se tivesse de voltar, eu prestaria de novo, é um curso muito amplo, muito forte tecnicamente, muito completo. Acho que quem faz Engenharia pode trabalhar com tudo. Você vai sofrer um pouco, mas não vai se arrepender mais tarde. Você vai colher os frutos.

Você quer dizer mais alguma coisa para nossos alunos?

Fiquem tranquilos. O Etapa prepara muito bem. Vai sair tudo certo. Todo mundo vai para onde tem de ir mesmo.